

## Apresentação Dossiê: Desejo-repulsão, atração-dissidência: narrativas atuais lusófonas

Mário Cezar Silva Leite\* 

Zilá Bernd\*\* 

*Sempre fui muito tocado pelas imagens de abatedouros...  
Claro, nós somos carne, somos carcaça em potencial.  
Sempre que entro em um açougue, penso que é  
surpreendente eu não estar ali no lugar do animal.*

(FRANCIS BACON)

Nesta edição, n. 42, 2024.02, propusemos uma reflexão sobre o corpo humano. O corpo em suas múltiplas formas, composições, recomposições e transformações no universo das narrativas, literaturas e das culturas lusófonas. O desejo-repulsão, atração-dissidência.

Quando do lançamento da chamada para o Dossiê, convenciamos que desde algum tempo já se sabe que o corpo, ou sua designação – sua corporeidade, seu modo químico e físico de ser e estar –, “traduz de imediato um fato do imaginário social. De uma sociedade para a outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a definição dos constituintes da carne do indivíduo são dados culturais cuja variabilidade é infinita” (LE BRETON, 2012, p. 30). Desse modo, estabelece-se que no “fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, ponto de atribuição por excelência do campo simbólico” (LE BRETON, 2012, p. 31). Interessa muito aqui, esta noção de que o “corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo [...]” (LE BRETON, 2012, p. 32).

Há dois pontos importantes a ressaltar. Por mais que tenhamos hoje formas de pensar, sentir e posicionar o debate sobre o corpo ou sobre os corpos, refletir sobre eles traz imediatamente, queiramos

---

\* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor Titular do Departamento de Letras do Instituto de Linguagens (IL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6096-3787>. E-mail: [mcsil@terra.com.br](mailto:mcsil@terra.com.br)

\*\* Doutora em Letras (Literatura Francesa e Francófonas) pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Université de Montréal (UdeM), Montreal, Canadá. Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Professora na Universidade La Salle (UniLaSalle), Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2546-6099>. E-mail: [zilabster@gmail.com](mailto:zilabster@gmail.com)

ou não, um binômio nevrálgico para o debate: o belo e o feio. Aparentemente, são o fluxo centrípeto e centrífugo quando a questão é o corpo.

Logo no início do livro *História da Feiúra* (2007) Umberto Eco se pergunta sobre o “belo” e o “feio”:

o que se entende, de fato, por estes dois termos? Eles mudaram de sentido até mesmo no curso da história ocidental. Quando comparamos afirmações teóricas com um quadro ou uma construção arquitetônica da mesma época, podemos perceber que aquilo que é proporcional em um determinado século já não o é no outro [...] (Eco, 2007, p. 10).

Esta lógica, “dizer que belo e feio são relativos aos tempos e às culturas” (Eco, 2007) traz à tona o, em tese, efeito oposto entre os termos, mas, além disso, a tentativa de se ter “padrões definidos em relação a um modelo estável” (Eco, 2007) tanto, claro, para um quanto para o outro. Mas é um pouco mais complexo. Ao comentar “a primeira e mais completa *Estética do Feio*, elaborada em 1853 por Karl Rosenkranz”, Umberto Eco afirma que é feita uma “analogia entre o feio e o mal moral”. Rosenkranz diz que o “mal e o pecado se opõem ao bem, do qual são o inferno, assim o feio é o inferno do belo” (Eco, 2007). Nesta trilha, o autor de *Estética do Feio* vai deixando “entrever uma espécie de autonomia do feio” distendendo o conceito ao ponto de não ser mais possível “dizer que o feio é o simples oposto do belo, entendido como harmonia, proporção ou integridade” (Eco, 2007). Um segundo aspecto importante é que aquilo que qualquer cultura e sociedade, normatiza, padroniza, “harmoniza” e entende como corpos “normais”, ao mesmo tempo, por, no limite, aversão “natural”, define, padroniza, normatiza e entende para os corpos que não estão realizados dentro dos seus “cânones” e, ainda, “autoriza” seus locais de pertencimento, circulação e aceitação. Lembra-se que cânone foi o nome dado a uma estátua produzida por Policeto “na qual se encarnavam todas as regras de uma proporção ideal” para a civilização grega clássica (Eco, 2007, p. 23).

Toda arte, antes de ser arte, necessita ser, deve ser, uma convenção de ficção, de ficcionalidade, fabulação, imaginação. Entretanto, nos termos aqui postos, toda “realidade” está em direto tom com a ficcionalidade e vice-versa. Narrativa-corpo-arte-língua-ficção. Não há “pureza” nem em uma nem em outra. Realidade e arte compõem-se basicamente nas subjetividades, nas impressões, que, por sua vez, compõem-se de padrões e convenções socioculturais. E tanto no repertório do “admissível” quanto no do “inadmissível” corporal, as dissidências se postam, alargam e diluem as fronteiras. Tensões entre o erótico e o pornô; entre o desejo e a repulsa; entre o prazer e a dor; entre o sadismo e o masoquismo; entre o constrangimento e o riso; entre o normativo-padronizado-imutável e o diluído, performático, distendido, revisto, inquieto, em trânsito, disruptivo.

Lógico que aqui não daremos nem de longe uma mínima mostra dos infinitos desdobramentos que esse tema abre e ramifica, todavia é importante advertir, – antes de apresentar os interessantíssimos artigos que compõem o Dossiê e os de temas livres – que segundo Umberto Eco (2007, p. 20),

Aristóteles [...] fala da possibilidade de realizar o belo imitando com mestria aquilo que é repelente e Plutarco [...] diz que, na representação artística, o feio imitado permanece feio, mas recebe como que uma reverberação de beleza da mestria do artista.

Pois então, do corpo para a arte, dos corpos nas artes, vamos aos corpos tecidos, tramados, nas narrativas, na literatura. Nos textos-corpos-corpos-textos.

O artigo “Representações do corpo na literatura contemporânea escrita por mulheres: uma análise de *A gorda*, de Isabela Figueiredo”, de Alessandra Magalhães, abre nosso Dossiê refletindo sobre “como a literatura escrita por mulheres vem representando os corpos femininos e suas complexas experiências”, considerando que “as narrativas literárias podem construir novos e variados – inclusive divergentes – olhares sobre o mundo” e sobre o corpo.

Na sequência, “A antropofágica festa do corpo na poesia de Herberto Helder”, de Solange Damiano, nos mostra como o corpo, na poética de Herberto Helder, “em forma de representação, é percebido como a imagem de pleno domínio sobre a vida dos seres”. E que pode ser “observada nos poemas de Herberto Helder” uma consciência do corpo, “uma vez que eles respiram corpos”, e “os espaços entre os corpos dão origem para o desejo desses mesmos corpos. Isso porque há um momento de descontinuidade, um cenário inquietante diante da contemporaneidade, pois criam ações, mostram excessiva associação com o movimento”.

Em “Violências e violações do corpo feminino na novela ‘Sabela’, de Conceição Evaristo”, de Juliana Franco Alves-Garbim, temos “como enfoque a construção literária de Conceição Evaristo pelo olhar da cultura afro-feminina, além do caráter denunciativo sobre as violências corporais e psicoemocionais decorrentes das agressões impostas às mulheres negras pelo sexismo do patriarcado”. Almeja como foco principal a reflexão “sobre a importância do papel das mulheres na sociedade brasileira e a relação com o corpo negro, que avultam nos contos de temática afrocentrada”.

Na continuação, seguimos com a obra de Conceição Evaristo. “Representação material da violência contra as mulheres negras a partir da escrita evaristiana”, de Fabiana dos Santos Souza, com base nos contos “Maria” e “Lia Gabriel”, publicados nos livros *Olhos d’água* e *Insubmissas lágrimas de mulheres*, aponta “estratégias discursivas utilizadas” por Conceição Evaristo para denotar a representação material da violência (de gênero, raça e classe) sofrida por mulheres negras brasileiras.

De Juliana Sant’Ana Toivonen apresentamos o artigo “A heresia do animal mulher: o feminino animalizado na Idade Média e sua reescrita em *Minha Senhora de Mim* de Maria Teresa Horta e em *remorso de baltazar serapião* de Valter Hugo Mãe”. No texto a autora pretende entender “a representação da mulher nas escritas e reescritas da mulher medieval, analisando como o sentido do animal é atribuído à figura feminina e observando como essa manifestação de animalidade difere de acordo com a narrativa”, relacionando “as reescritas de Maria Teresa Horta e Valter Hugo Mãe com textos teóricos e literários que dissertam sobre o lugar da mulher durante a Idade Média, assim, examinando como se dá a construção da mulher-animal nos textos de ambos os autores”.

“Metamorfoses dialógicas, corpos diabólicos: as personagens na adaptação da HQ *A Caolha*, de Verônica Berta”, de Brenda da Silva Dias Rocha, Kátia Carvalho da Silva Rocha e Eliesio Costa Lima, trata da análise da adaptação, para HQ, do conto “A Caolha”, de Júlia Lopes de Almeida, no conto homônimo de Verônica Berta. São apresentados e discutidos os processos de adaptação da HQ fundamentados “nos elementos” e nas “personagens, principalmente a respeito do significado que a estética contribui para a

leitura das personagens. Propõe-se, assim, apresentar estudos sobre o processo de adaptação, bem como ler criticamente o objeto deste trabalho”.

Quase sem um limite muito explícito ou rigoroso transitamos do Dossiê para os artigos da seção de temas livres com o artigo “A corporeidade da palavra no *Slam*: quando a natureza poético-narrativa rompe o silêncio”, de Marcele Alves Franceschini e Natália Felícia Vieira. Aqui o corpo assume uma totalidade com a voz, e o enfrentamento é a “corporeidade da palavra”. O “*Slam*, campeonato de poesia falada, de caráter autoral e natureza coletiva, é um poderoso meio de se elevar essa corporeidade”, pois, sobretudo, “ao expressar as mazelas, os problemas, as injustiças, o racismo, o machismo, mas também as conquistas e as reflexões de vozes periféricas, ou longe do centro, a poeta-narradora corporifica tanto a matéria quanto as ideias”. Da máscara de flandres silenciadora de Anastácia à “boca e o corpo da mulher negra” rompendo o “silêncio por meio do *Slam*”.

A seguir, pela abordagem da teoria de Rosi Braidotti, sobre sujeitos nômades femininos, temos o artigo “A identidade feminina em exílio no romance *Lillias Fraser*, de Hélia Correia”, das autoras Karen Tiburcio Martins e Keli Cristina Pacheco, que analisam o trânsito ininterrupto de exílio da personagem Lillias Fraser e seus efeitos na construção de sua subjetividade e identidade. “A análise sugere que Lillias Fraser vivencia diversas formas de exílio e é forçada a assumir diferentes identidades para sobreviver.”

A “errância existencial” vem-nos a partir de “uma reflexão sobre o deslocamento do protagonista Rato na obra *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho. No artigo, “Trânsito e narração: os sentidos da viagem em *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho”, Alex Bruno da Silva mostra como, com base “nas proposições de Marc Augé (1994; 2006; 2010), Tim Cresswell (2006) e Doreen Massey (2015)”, o “território enunciativo da narrativa, articula-se à composição de uma personagem que, na crise da meia-idade, busca viver, na deambulação espacial, experiências homoeróticas e essa busca provoca uma necessidade de preenchimento íntimo, seja através do des/re/conhecimento de suas fragilidades, seja através da descoberta de sua essência ambígua.”.

Em “As travessias da literatura Kadiwéu: um estudo sobre aspectos da tradição e da modernidade indígenas”, de Carolina Barbosa Lima e Santos e Wellington Furtado Ramos, na esteira de preocupações e reflexões contemporâneas sobre a literatura produzida pelos “povos originários brasileiros”, no viés dos estudos literários e interdisciplinares, o artigo propõe, a partir da literatura produzida pela comunidade Kadiwéu, “habitante da fronteira entre o Brasil e o Paraguai”, a ampliação de conceitos estabelecidos em “manuais de Teoria Literária, tais como as convenções relacionadas à autoria e aos gêneros literários.”. A proposta busca integrar, pelo viés das “humanidades ambientais” os aspectos “em torno da ecologia, da literatura e das relações sociais estabelecidas no mundo moderno” e a questão estética da “expressão literária proposta pelo povo Kadiwéu”. E, acrescentam, “para compreender estas propostas artísticas, historicamente negligenciadas em meio às universidades brasileiras, faz-se necessário desenvolvermos instrumentos teóricos eficazes para a promoção de um diálogo efetivo entre indígenas e não indígenas na contemporaneidade.”. Diálogo necessário e urgente.

Múltiplos “olhares para baixo” e suas múltiplas implicações da e na poesia de Carlos Drummond de Andrade é o que nos mostra Nuno de Brito e Sousa Teixeira no artigo “*Irredutível ao canto, superior à poesia*: a poética do finito e da matéria em Carlos Drummond de Andrade”. “Há um olhar para baixo

que percorre toda a poesia de Drummond. A pedra no meio do caminho, o chão pedregoso de Minas ou a flor que rompe o asfalto correspondem a um movimento descendente do olhar; movimento repetido, recorrente, pelo qual o sujeito poético se autocaracteriza e se define.” O “corpo físico que pende para o chão porque ele próprio não se vê dissociado da terra, da sua materialidade e complexidade”. O autor revela que na poética de Drummond “o sentido está nas próprias coisas, por isso mesmo os olhos se baixam perante a Máquina do Mundo. Eles deixam de perguntar (de olhar para cima), “Sou apenas um homem. / Um homem pequenino à beira de um rio. / Vejo as águas que passam e não as compreendo”.

Não menos importante, mas por fim, Delvanir Lopes expõe, em “Piazza di Spagna, 26’, de Cecília Meireles”, o poeta romântico inglês John Keats pelos olhos e pelas sensações da poetisa brasileira Cecília Meireles. Do artigo de Meireles quase inédito, “até este momento apenas publicado em um periódico, o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1955, alguns anos após a viagem feita pela escritora à Itália”, são analisados no manuscrito de Delvanir Lopes “os dados presentes nesse texto e elencados por Cecília Meireles, buscando esclarecer e amplificar a compreensão da forma mais clara possível, além do modo como se deu a visita ao apartamento do escritor romântico inglês – John Keats (1795-1821) e o que pôde ser experimentado pela escritora carioca naquele ambiente tão caro a ela”.

Desejamos uma boa, interessante e agradável leitura.

Os organizadores:

*Mário Cezar Silva Leite e Zilá Bernd*

## Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria L. Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

AUGÉ, Marc. *Para que vivemos?*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editora 90 Graus, 2006.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcante e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: Edufal Unesp, 2010.

CRESSWELL, Tim. *On the move: mobility in the modern Western World*. New York: Routledge, 2006.

ECO, Umberto. *História da feiúra*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Trad. Sonia Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.